



IGREJA CATÓLICA

Papa pede a pais que apoiem filhos LGBTQI+

Em novo aceno à diversidade, Francisco também aconselhou as famílias a jamais condenarem os homossexuais. Ativistas saúdam declaração como avanço, mas criticam a posição da Santa Sé sobre o tema

» RODRIGO CRAVEIRO

A fala surgiu de improviso. Não estava no roteiro do discurso durante a tradicional audiência-geral das quartas-feiras, no Vaticano. Ao propor uma reflexão sobre a figura de São José e sobre a paternidade, o papa Francisco citou "os pais diante dos problemas dos filhos". "Quanta dor ali! Pais que veem orientações sexuais diferentes dos filhos, lidem com isso e acompanhem seus filhos, e não se escondam no comportamento da condenação. (...) Nunca condenem um filho", afirmou o pontífice. "Deus não promete que nunca teremos medo. Mas, com a ajuda dele, não será o critério de nossas decisões. A oração trará luz e paz", acrescentou, ao aconselhar pais que enfrentam a tristeza.

Morador da comuna de Rimini, a 350km de Roma, o engenheiro biomédico Gabriele Morri, 47 anos, disse ao **Correio** que gostou muito da declaração de Francisco. "Essas palavras são muito importantes para as pessoas LGBTQI+ católicas, crentes. Não é o meu caso, pois renunciei ao batismo em julho passado. O papa faz o melhor que pode ante argumentos que não são fáceis para ele. Seria melhor se Francisco pudesse dizer que não há nada de errado em ser gay, mas entendo que ele não pode fazê-lo", comentou o italiano, que mantém um relacionamento homoafetivo há 14 anos. Ele se disse "incomodado" com o fato de o pontífice misturar temas, como doença, dor e homossexualidade.

Morri contou que provém de uma família muito católica. "Minha mãe era catequista e integrava a parte moderna da família. Felizmente, ela incutiu em mim a percepção de que Deus é amor. Meu pai vive sua religião no fanatismo e no ódio. Aos 24 anos, eu me assumi para a minha mãe. Minha mala estava pronta no meu quarto. Ela disse que não esperava isso, mas prometeu não contar a ninguém, muito menos para o meu pai", relatou. Ele somente revelou a orientação sexual ao pai quatro anos atrás. "Fiquei sem visitar minha família por seis meses, pois ele não quis me ver. Meu pai afirmou que entre homens não pode haver amor, e que tudo era depravação."

Secretário-geral da Arcigay — a principal organização não

Filippo Monteforte/AFP



Francisco chega à Sala Paulo VI, na Cidade do Vaticano, para a tradicional audiência geral das quartas-feiras: acolhimento

Sinais confusos

O LÍDER DA IGREJA CATÓLICA EMITIU GESTOS CONTROVERSOS SOBRE A QUESTÃO LGBTQI+

Integração à sociedade

"Se uma pessoa é gay, busca a Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?", indagou o papa Francisco, durante viagem entre o Rio de Janeiro e Roma, em 2013. Ele defendeu que os homossexuais não deveriam ser marginalizados, mas integrados à sociedade.

União civil homossexual

No documentário *Francesco*, lançado em 2020, o papa Francisco

governamental em defesa da causa LGBTQI+ na Itália —, Gabriele Piazzoni considerou "muito positivo que o Santo Padre se expresse dessa forma em relação aos pais". "Como sabemos, a violência por parte dos pais é, infelizmente, uma das mais difundidas contra os homossexuais. O apelo do pontífice é muito sensato e esperamos que tenha efeitos positivos para muitos rapazes e moças",

tornou-se o primeiro pontífice a endossar as uniões civis entre pessoas do mesmo sexo. "As pessoas homossexuais têm o direito de estarem em uma família. São filhas de Deus", afirmou. "Você não pode expulsar alguém de uma família, nem tornar sua vida miserável por isso. O que temos que ter é uma lei de união civil", declarou o líder católico.

Bênção de padres

Em março de 2021, sob a

afirmou ao **Correio**. Ele lembra que não é a primeira vez que o papa mostra abertura para os homossexuais, ao contrário de seus antecessores. "Esperamos que esse pensamento de Francisco seja aceito por toda a Igreja Católica. No entanto, muitas vezes, encontramos hostilidade e discriminação por parte de bispos e de sacerdotes em várias regiões do planeta."

Piazzoni disse não saber se as

justificativa de que "Deus não abençoa e nem pode abençoar o pecado", o papa Francisco proibiu os padres de darem a bênção a uniões civis homossexuais. O pontífice advertiu que tal gesto seria invalidado.

"Desordem"

De acordo com o Catecismo da Igreja Católica, "atos homossexuais" são "intrinsecamente desordenados" e "contrários à lei natural".

frequentes posições de Francisco, antagônicas com a doutrina oficial da Igreja, seriam uma antecipação do futuro. "É óbvio que eu espero que sim. Acredito que, para a Igreja, há cada vez mais a preocupação de não ser vista como 'ruim' por parte de centenas de milhões de católicos que não compreendem a posição oficial da instituição em relação aos gays e pedem mudanças", comentou o

Eu acho...

Arquivo pessoal



"A igualdade de direitos matrimoniais deve ser reconhecida pelos estados e não pela Igreja. É aos governos do mundo que nos dirigimos quando pedimos o reconhecimento do casamento também para os gays. No entanto, devemos reconhecer que as posições do papa Francisco sobre o reconhecimento dos direitos dos casais são importantes e um sintoma de uma mudança na abordagem da Igreja em relação aos homossexuais."

Gabriele Piazzoni, 37 anos, secretário-geral da Arcigay, a principal ONG em defesa dos direitos LGBTQI+ na Itália

» França proíbe "terapia de conversão"

A Assembleia Nacional da França aprovou, por unanimidade, uma nova legislação que criminaliza o uso da chamada "terapia de conversão" para tentar "mudar" a orientação sexual de pessoas LGBTQI+. A transgressão a essa lei prevê multas de até 30 mil euros (ou R\$ 184 mil) e pena de dois anos de prisão. O presidente francês, Emmanuel Macron, afirmou que a decisão do parlamento é motivo de orgulho. "Essas práticas indignas não têm lugar na República. Ser você mesmo não é um crime. Não há nada para ser curado", disse.

secretário-geral da Arcigay. Ainda de acordo com ele, a opinião pública influencia bastante as posições expressas pelo papa. "A Igreja tem medo de perder o consenso entre os fiéis que tenham parentes, amigos ou colegas homossexuais e que não toleram mais o tradicional conservadorismo das hierarquias eclesiais. Esperamos que isso leve a um futuro mais inclusivo para os gays."

ESTADOS UNIDOS

Rose Lincoln/Harvard/Wikipedia



A juíza Ketanji Brown Jackson é a favorita à vaga de Breyer

Biden deve indicar mulher negra para a Suprema Corte

O anúncio de que o juiz progressista Stephen Breyer, 83 anos, planeja se aposentar e deixar a Suprema Corte dos Estados Unidos em junho repercutiu intensamente em Washington. Com a decisão de Breyer, o presidente Joe Biden deve fazer a primeira indicação à máxima instância do Judiciário. O democrata pode entrar para a história com a inédita escolha por uma mulher negra para o cargo. De acordo com a rede de TV CNN, a favorita para a vaga de Breyer é a juíza Ketanji Brown Jackson, 51, lotada no poderoso tribunal de apelação da capital federal. Ela também trabalhou como advogada da equipe de Breyer e foi defensora pública federal.

"O presidente disse e reiterou sua promessa de nomear uma mulher negra para a Suprema Corte, e essa promessa continua de pé hoje", disse Jen Psaki, porta-voz da Casa Branca, que se negou a confirmar a renúncia de Breyer. Para especialistas consultados pelo **Correio**, a aprovação de Ketanji será um desdobramento natural. "Na campanha eleitoral, Biden prometeu que nomearia uma mulher afro-americana para a primeira vaga na Corte. Promessa é dívida. Legalmente, ele tem escolha; politicamente, não", explicou Alan B. Morrison, professor da Faculdade de Direito da Universidade George Washington, situada em Washington D.C.

Professor de direito de interesse público na mesma universidade, Jonathan Turley afirmou que o uso de uma qualificação de limite baseada em raça ou em gênero não seria permitido em uma universidade ou em uma companhia privada. "Não é algo apenas inédito, mas também desnecessário. É um momento irônico, dada a consideração da Corte sobre as preferências raciais pelas universidades", disse. (RC)

» Príncipe Andrew quer júri civil

O príncipe Andrew da Grã-Bretanha pediu para ser julgado por um júri civil em Nova York para se defender das acusações de suposta agressão sexual contra uma menor americana há mais de 20 anos. "Pela presente, o príncipe Andrew exige um julgamento por júri sobre todos os casos estabelecidos na ação", escreveu o seu advogado em uma moção. Sua acusadora, Virginia Giuffre, hoje com 38 anos, disse ter mantido relações sexuais com o príncipe quando tinha 17 anos, após tê-lo conhecido por meio do gestor financeiro americano Jeffrey Epstein, que se suicidou na prisão enquanto aguardava julgamento por pedofilia. O segundo filho homem da rainha Elizabeth II da Inglaterra não foi acusado criminalmente e nega as acusações, mas foi obrigado a se afastar de seus deveres reais.

UCRÂNIA

Sob promessa de diálogo, Otan se prepara para o pior

No dia em que os Estados Unidos se recusaram a aceitar uma demanda crucial da Rússia, Jens Stoltenberg, secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), anunciou que "volta a estender a mão" ao Kremlin, mas garantiu que a aliança militar está "preparada para o pior". O secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, informou ter entregue uma carta ao governo de Vladimir Putin, na qual oferece "um canal diplomático sério se a Rússia o desejar". No entanto, negou-se a impedir a adesão da Ucrânia à Otan e a expansão da instituição rumo ao Leste Europeu. Blinken se dispôs a conversar com o chanceler russo, Sergei Lavrov, "nos próximos dias".

Ao mesmo tempo, o enviado do Kremlin a Paris, Dmitri Kozak, admitiu que os diálogos entre a Rússia e a Ucrânia "não foram simples" e continuarão em uma nova rodada dentro de duas semanas, dessa vez em Berlim. "Precisamos de uma pausa adicional. Esperamos que esse processo tenha resultados em duas semanas", acrescentou Kozak, depois de se reunir por oito horas com conselheiros diplomáticos de Ucrânia, França e Alemanha.

Em uma declaração conjunta, o chamado Quarteto da Normandia, criado em 2014 para buscar uma saída para a crise na Ucrânia, reafirmou seu apoio aos acordos de paz de Minsk "como base de trabalho" e comprometeu-se a tentar "mitigar" as divergências. "Apesar

de todas as diferenças de interpretação", os participantes concordaram em que "todas as partes devem manter o cessar-fogo" no leste da Ucrânia "em virtude dos acordos", acrescentou o enviado russo.

O Ocidente acusa a Rússia de manter cerca de 100 mil soldados na fronteira com a Ucrânia e de planejar uma "invasão iminente" à ex-república soviética. Os Estados Unidos acreditam que um ataque deve ocorrer até meados de fevereiro. "Tudo indica" que Putin "vai usar força militar em algum momento, talvez entre agora e meados de fevereiro", declarou a vice-secretária de Estado dos EUA, Wendy Sherman. A número dois da diplomacia americana não sabe se o Kremlin já tomou a decisão sobre a invasão.

Brendan Smialowski/AFP



O secretário de Estado Blinken: portas abertas para a diplomacia